

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Laurinda da Silva

registada em 2008-09-17
por

Joana Ribeiro e Cláudia Simões

Laurinda da Silva

Laurinda da Silva nasceu no Piódão, no dia 11 de Junho de 1929. O pai chamava-se José Lopes Gaspar e a mãe Urbana dos Anjos. Ambos trabalhavam nos campos. O pai ainda trabalhou algum tempo em Lisboa, enquanto a mãe ficou no Piódão a trabalhar e a criar os filhos. Tiveram dez filhos. Ainda nova, com 10, 11 anos, Laurinda foi trabalhar para o campo. Ajudava os pais e os irmãos “a cultivar o milho, as batatas e os feijões”. Foi à escola por pouco tempo, só fez “o primeiro livro”. Tinha de trabalhar, ajudar a mãe em casa. Guardou ovelhas e cabras, “descalça atrás delas aí por essas serras”. Foi buscar “muito carrego onde chamam agora a Mata da Margaraça”. Trabalhou em Cebola, a acartar pedras. Levava o correio do Piódão a Pomares. Ficou sempre na aldeia a ajudar os pais.

Índice

Identificação Laurinda da Silva.....	4
Ascendência "Criáramos sete".....	4
Casa "Dormíamos onde se podia".....	5
Infância "Tudo começava a trabalhar cedo".....	6
Educação "Pouco vinham professoras".....	7
Percurso profissional "Andámos sempre de baixo de carregos".....	7
Religião "Cheguei a ser catequista".....	8
Lugar A aldeia e as pessoas no seu melhor.....	8
Costumes Muita alegria e boa comida.....	12
Sonhos "Um pãozinho para cada dia".....	14
Avaliação "Sempre para melhor".....	15

Identificação *Laurinda da Silva*

O meu nome é Laurinda da Silva. Nasci em Piódão, no dia 11 de Junho de 1929.



Laurinda da Silva (1954)

Ascendência "*Criámos sete*"

O meu pai chamava-se José Lopes Gaspar e a minha mãe Urbana dos Anjos. Nasceram no Piódão também. Trabalhavam nos campos, nas terras. O meu pai ainda trabalhou algum tempo em Lisboa, mas o mais do tempo foi na aldeia. E a minha mãe foi sempre cá que trabalhou a criar os filhos.



Urbana dos Anjos, mãe de Laurinda da Silva (1957)

Éramos dez irmãos, mas três não os conheci, porque morreram pequeninos, de anjinhos. Criámos sete. A minha irmã mais velha era Maria, a seguir Ana, José, Manuel e depois Madalena. Depois sou eu e a seguir ainda era outro irmão, Francisco. Éramos todos pequeninos, mas cá nos criámos todos, graças a Deus!

Casa "*Dormíamos onde se podia*"

A minha casa de infância era onde vivo agora. Era a mesma coisa só que não estava assim arranjada. Nem agora está muito bem arranjada, nem naquela altura. Ainda era pior que agora. Os quartos era conforme se podia. Em cima tínhamos só um quarto e depois, no andar de baixo, tínhamos outro também. E ainda tínhamos fora de casa outra parte onde lá dormiam. Dormíamos onde se podia. Os rapazes dormiam com os rapazes e as raparigas dormiam com as raparigas. A cozinha era uma lareira. Acendia-se uma lareira, havia uma tábua em volta e a gente sentava-se ali todos, à volta da lareira, quando estava frio. Tínhamos mesa na sala e na cozinha tínhamos uma mesita pequenina quando a

gente, às vezes, queria lá comer. Antigamente tínhamos um porco no fundo da casa. Chamava-se uma loja. E havia outra para pormos a lenha.

Infância "*Tudo começava a trabalhar cedo*"

Ainda miúda, nova, pequena fui trabalhar para o campo. Tudo começava a trabalhar cedo! Não sei que idade, mas ainda era miúda dos meus 10, 11 anos. Ia ajudar os meus pais e os meus irmãos a cultivar o milho, as batatas e os feijões. Mesmo depois da escola, que era de manhã e de tarde, não andávamos na rua. Tínhamos que ir trabalhar. Ajudava a minha mãe em casa. Ajudávamos a fazer o comer, a lavar a roupa, costurávamos, fazíamos as roupinhas para nós e consertava-se. Naquele tempo ajudávamos a fazer o que era preciso.

Também andei a guardar as ovelhas e as cabras. Andei descalça atrás delas aí por essas serras. A gente deitava-as para o mato e tinha que andar a olhar por elas. Elas lá andavam a pastar, a comer do mato. E à noite traziam-se para a loja onde dormiam. Não é preciso ninguém ensinar a guardá-las. A gente vê bem que é preciso ir atrás delas! Se elas fugissem, ia virá-las, fazer voltar de onde elas andassem para ao pé de nós. Mas não se deixavam fugir. A gente não as deixava ir para onde elas queriam. Íamos andando à frente delas e elas iam andando a pastar. Naquele tempo não era perigoso andar com as ovelhas. Não vinham cá pessoas como vêm agora. Ouvia falar nos lobos, mas eu nunca vi nenhum. Diziam que eles, às vezes, quando andavam as ovelhas no mato, vinham aos rebanhos. Vinham, matavam, levavam-nas e comiam-nas! Bem podia haver lobos, mas eu nunca os vi. Nem nunca, na minha lembrança, ouvi dizer que fizessem isso no Piódão.

Brincadeiras de miúdas

Brincar, brincávamos as raparigas umas com as outras. Antigamente havia muita criança na aldeia. Às vezes fazíamos uma roda, cantávamos e assim andávamos! A gente andava à roda, à volta umas das outras, e dizíamos:

- "Aqui vai o lenço, aqui fica o lenço, aqui vai o lenço, aqui fica o lenço!"

Depois deixávamos o lenço ao pé de uma. Era as nossas brincadeiras, não havia cá outras. Nós, as miúdas, brincávamos umas com as outras e os rapazes uns com os outros também. Eles não brincavam ao pé da gente nem a gente ao pé deles.

Educação "*Pouco vinham professoras*"

Fui à escola pouco tempo. Só andei no primeiro livro, porque pouco vinham professoras. Não estavam cá. Naquela altura, vinham estar aí uma semana e depois iam-se embora. Então, aqui para estes sítios, a pé! Não havia estradas... Já não me recordo do nome delas. Ensinavam bem a gente, só que estavam na aldeia pouco tempo. Eu ainda sei fazer o meu nome e leio qualquer coisa, mas mal. Mas lembro-me que, quando era preciso, castigavam. Se nos portássemos mal, era com uma reguada na mão ou com uma cana na cabeça! Davam assim com uma palmatória, mas outros castigos grandes não.

Depois passou-se o tempo da gente andar, pronto, já não fui mais à escola. Alguns da terra ainda fizeram a terceira e a quarta classe. Agora é o quarto ano, mas antes dizia-se quarta classe. Alguns ainda foram estudar mais, mas deixaram porque era tudo muito longe. E outros, como os meus irmãos, nem chegaram a andar na escola.

A minha escola era muito velhinha! Era uma salinha, umas carteiras, uma mesa ao cimo, onde estava a senhora professora e mais nada! Era uma escola fria, porque era metida quase na ribeira. Ficava no largo do Piódão, ao pé da igreja. Onde hoje está uma garagem, aí é que era a nossa escola.

Percurso profissional "*Andámos sempre de baixo de carregos*"

Trabalhei muito. Fui buscar muito carregos onde chamam agora a Mata da Margaraça. Antigamente era Mata da Relva Velha. Eu e muitas pessoas íamos lá buscar madeira para um senhor que havia no Piódão e que fazia cestas. A gente ia-lhe lá buscar os molhos da madeira às costas para aqui. E mais carregos que ia buscar lá longe, muito longe! Fui trabalhar para Cebola, que agora dizem que é a Aldeia de São Jorge. Acartava pedras. Era dois homens a pegar, um de um lado e outro de outro, nas pedras e a porem às costas da gente. E eu e outras mulheres a carregar com elas para as casas que andavam lá a fazer. As mulheres também trabalhavam nisso. Que remédio tínhamos nós. E para ganhar 6, 7 escudos por dia. Andámos sempre de baixo de carregos!

Também ia do Piódão a Pomares levar o correio que houvesse na aldeia. Ia levá-lo a Pomares e depois trazia e entregava onde havia a caixa do correio. Eu não o distribuía, só o levava. Ia de manhã muito cedo! Saíamos daqui direitos a Sobral Magro e depois tínhamos que subir uma povoação que chamam Porto

Silvado. Depois Vale do Torno e depois Pomares. Era muito longe, mas fazia-o sozinha! Não era perigoso, graças a Deus. Se fosse agora era pior. Naquele tempo, isto há mais de 50 anos, não. Sei lá com que idade comecei, ainda era nova. Mas não havia estradas e eu ia a pé e descalça! Saí muita vez da minha porta para fora a enterrar-me logo na neve até aos joelhos. Depois ia descalça fazer esta volta toda enterrada em neve. Agora o Inverno é o céu! Mas antigamente é que era Inverno mesmo. Para nos aquecermos, arranjava-se lenha e acendíamos o lume.

Já fui muita vez a Lisboa, mas trabalhar não, nunca lá fui trabalhar. Os meus irmãos foram, mas eu ficava na aldeia a ajudar os meus pais. Fiquei, porque os outros eram mais velhos, foram indo primeiro. Casaram-se e tudo e foram-se embora. Ainda tinha um irmão mais novo, mas esse também foi. Só fiquei eu. E depois ia-me embora e deixava os meus pais sozinhos? Cheguei a ter um numa cama e outro noutra, entrevados. E eu tinha que cultivar para eles e para mim. Deixava os meus pais desprezados? Não! Vivi com eles até morrerem. O meu pai vai fazer para Novembro 48 anos que morreu e a minha mãe fez 44 em Março. Eles morreram e eu cá fiquei. Enquanto pude, cultivei alguma coisinha para comer. Agora é que eu não posso fazer nada disso. Não posso trabalhar. Tenho uma pequenina reforma e assim me vou governando.

Religião "*Cheguei a ser catequista*"

Cheguei a ir à catequese e cheguei a ser catequista também. Havia quem ensinasse a gente e depois a gente ensinava os mais novos. Eu tinha um grupo que era do Tojo. Era o grupo que eu ensinava na catequese. Ensinava-lhe o Padre Nosso, a Ave Maria, a Salve Rainha, a Confissão e o resto tudo para diante. Os meninos portavam-se bem. Nunca nenhum me respondeu. É tudo bem, graças a Deus.

Assim como agora vão, toda a gente ia à missa todos os domingos. Antigamente era em latim, mas a gente lá percebia. Uma melhor, outra mais mal.

Lembro-me da primeira vez que arranjaram a igreja. Já foi há muitos anos, mas tudo ajudava. A gente é que ia buscar as coisas às costas para a arranjarem.

Lugar *A aldeia e as pessoas no seu melhor*

"A aldeia era muito longe"

No meu tempo, éramos nós que fazíamos as nossas roupas. Umás cosíamos à mão, outras fazia-se à máquina, era conforme se podia. O pano comprava-se nas lojas. Havia duas no Piódão e as duas tinham panos. Então, a gente comprava os tecidos na aldeia. O calçado também se comprava mas eu, quando me criei, andava sempre era descalça. Não tinha sapatos. E não era só eu.

A nossa alimentação era do que se criava na terra. Comíamos batatas, feijão, a carne de porco e o enchido. De vez em quando, lá se comprava o arrozinho, uma massinha e as lojas da aldeia também vendiam a sardinha e o bacalhau. No Piódão não havia vendedores que andavam de terra em terra, porque a aldeia era muito longe. A gente é que, às vezes, ia buscar coisas mais longe. Íamos à feira a Lourosa, a Oliveira, a Avô, a Arganil e também à Covilhã. Depois, mais tarde, também íamos a Vide. Mas íamos a pé, não íamos de carros. Íamos, vínhamos e trazíamos os carregos à cabeça. Ai não que não custava! Demorávamos o dia todo e, às vezes, ainda íamos na véspera dormir fora.

Espírito Comunitário

Nem toda a gente tinha forno na aldeia. Havia um forno, que ainda há, que era da povoação e havia mais fornos particulares. A gente, às vezes, ia a esses fornos também. Eram as pessoas atrás umas das outras. Por exemplo, agora íamos lá e procurávamos a pessoa que cozesse primeiro:

- Olhe, já há muita gente?

- "Olha, estão duas vezes ou estão três vezes fulano e fulano!" - dizia ela.

Então, a gente tomava vez atrás dessas pessoas. Eram muitos a cozer o seu pão no forno. Mas a gente conhecia o que era nosso, porque cada uma punha um sinalzinho no seu pão. A gente tendia a broa, punha na pá e havia um senhor a pôr lá para dentro para o forno. Eu, por exemplo, deixava ir sem nada. A vizinha fazia-lhe um buraquinho. Outra fazia com a mão um coisinho - dizíamos que era o belisco. Depois, quando saíam, cada uma sabia as broas que eram suas. Cada um cozia aquilo que entendia. Conforme a família era, assim se cozia a broa. Onde eram mais pessoas tinha que se cozer mais, onde era menos cozia-se menos.

Os moinhos também assim era. No tempo que eu me criei, havia aí muito moinho. Mas cada qual tinha o seu tempo para ir moer o milho. Havia um moinho, que era o Moinho da Ponte. Os meus pais, por exemplo, tinham todas as semanas o dia e a noite naquele moinho. Portanto, era de nove dias em nove dias que nós lá tínhamos o dia com a noite. Havia outro que era no mesmo sítio, só que era por cima. Aí só tínhamos de três em três semanas ou o dia ou a noite. E era assim. As pessoas tomavam sentido quando era o seu tempo e iam moer no tempo de cada uma. Por exemplo, eu hoje tinha o dia com a noite e ia moer o meu tempo. Amanhã já era de outra pessoa. E ao outro dia já era de outro. Dava a roda. Moíamos farinha para esses dias todos.

Para regar era a mesma coisa e ainda agora se rega assim. Anda a água no rego ou na levada. Eu, por exemplo, tenho cinco horas de água. Vou regar aquelas minhas cinco horas. Outra atrás tem outras cinco. E cada uma rega a seu tempo. Por exemplo, eu posso tapar às oito até à uma hora. Outra pode tapar à uma até às duas ou até às três horas. Ainda hoje é assim e, por mim, nunca tive chatices com ninguém.

No meu tempo, ajudávamos uns aos outros. Por exemplo, quando tínhamos que colher o milho, as batatas, o feijão, as uvas para casa, eu precisava que uma pessoa me fosse ajudar. Depois, se eu fosse precisa às outras pessoas, também ia ajudar.

"Médicos só de longe a longe"

Antigamente havia muitas pessoas que nasceram e morreram e nunca foram a um médico. Ficavam doentes, andavam doentes, depois morriam e pronto. Tratavam-se com uns chazinhos das ervas que nós temos nos campos. Mandávamos dar chá de erva-cidreira, flor de sabugueiro, umas malvas, que era para as feridas... Fervia-se tudo numa cafeteirinha e a gente bebia. Ainda hoje faço chá de erva-cidreira. Se a gente estiver maldisposta, faz bem. Quando faz. Quando não faz, não faz, pronto.

No Piódão havia um barbeiro que vinha ver as pessoas a casa. Quando uma pessoa estava assim coisa, mandava-o chamar. Ele vinha a casa e depois mandava fazer os chás das ervas. Já não foi da minha lembrança como ele aprendeu a curar. Nem nunca me lembro de me tratar a mim. Mas aos meus pais ainda veio muita vez, que eu lembro-me bem. Mais tarde já vinham médicos. Às vezes, quando uma pessoa estava mais mal, iam chamar o doutor Vasco que era de Avô. Mas era só de longe em longe. Como é agora também!

Sem luz, água canalizada, estrada e turistas

Hoje, graças a Deus, chegou a luz para toda a gente. Mas antigamente era um candeeirinho, pequenino, com petróleo. Ainda há-de andar, no sótão da minha casa, uma lanterna que se usava com o candeeirito dentro quando a gente precisava de ir à rua. À cozinha também era com um candeeirito de petróleo. Havia uns candeeiros de chaminé e havia outros de lata. Iluminavam-se com petróleo. Tinham uma torcidazinha e a gente acendia. Lembro-me quando cá chegou a luz, mas não fixei a data. Eu dizia sempre que não queria a luz em minha casa. Mas depois quis e gostei. Não houve festa, mas toda a gente ficou contente. Hoje toda a gente tem luz. E, quando veio, as pessoas começaram logo a comprar televisões. Quem tinha dinheiro comprava. Eu, por acaso, não há muitos anos que tenho a minha. Mas nunca fui para casa de ninguém ver televisão. Quando pude comprar a minha, comprei e via na minha casa.

No meu tempo, também não tínhamos água em casa. Íamos buscá-la à fonte. Mas, graças a Deus, houve sempre muita aguinha na aldeia. Talvez há dois anos até houve uma cheia muito grande, que levou muitas coisas "pia baixo"¹. Até morreu um senhor que não era de cá. Andava aí a passear, a visitar. Mas antigamente não me lembro que viessem assim muitas cheias e que estragassem assim tanto como agora.

As datas não sei, mas lembro-me de fazerem a estrada. Agora há poucos anos é que começou isto dos turistas. Mas antes, se não havia estradas, como é que vinham as pessoas para a aldeia? Vinham a pé e por esses matos como a gente andava? Não. Depois que veio a estrada é que começaram a vir. E hoje há muita gente a visitar o Piódão. Como venham com bem, fazem bem vir visitar.

Claro que agora é tudo melhor que no meu tempo. As pessoas já não precisam de andar a trabalhar como a gente andou e já têm mais subsídios para criarem os filhos. No tempo que nos criámos, os meus pais nunca tiveram subsídios para mim e para os meus irmãos. Nunca tiveram reforma de lado nenhum, nunca tiveram nada. Hoje é melhor, mas as pessoas que estão no Piódão já é quase tudo de idade e já está quase tudo reformado. Para mim, que já estou velha, tanto me importa que mude a aldeia de uma maneira como mude da outra. O meu dia-a-dia hoje é comer, mas há dias que nem comer posso, e estar na minha casa, porque não posso andar na rua. Há pessoas que me vêm ajudar a fazer as coisas. Vêm as senhoras do Centro de Dia fazer-me as limpezas, porque eu não

¹por aí abaixo

posso fazer nada agora. Agora para as outras pessoas, se mudar para melhor, está muito bem.

"As profissões era andarem com uma enxada a cavar"

Os homens da aldeia também iam ganhar para um lado e para o outro. Mas trabalhavam também nas terras deles. As profissões era andarem com uma enxada a cavar e outros trabalhavam de pedreiro. Cada um trabalhava no seu ofício. Cada um procurava a vida por onde podia. Os meus irmãos também trabalhavam em Cebola e foram andar nas Minas. Trabalharam lá debaixo do chão, debaixo da terra. Lá andavam, coitados. Seguro não era e havia de ser difícil. Mas de gente do Piódão nunca ouvi dizer que houvesse nenhum problema, nenhuma história má. Graças a Deus, que eu saiba, não veio de lá ninguém aleijado.

Depois, quando iam para Lisboa, cada qual arranjava o seu trabalho. Os meus irmãos trabalhavam numa fábrica de gelo e as minhas irmãs era nas casas das senhoras. Andaram a servir. Cada uma tinha que ganhar alguma coisa, tinha que ser.

Costumes Muita alegria e boa comida

Os dias de festa

Os santos da aldeia são o São Pedro, a Nossa Senhora da Conceição e o Sagrado Coração de Jesus. Bem, estes são os padroeiros, mas há mais santos na igreja. As festas dos padroeiros eram mais ou menos como agora. Havia sempre música, mas a gente é que tinha de dar o comer quando cá vinham tocar. Vinham de longe. Chegaram mesmo a vir de São Gião, da Aldeia das Dez e do Sobral de Casegas. Tocavam na missa e na procissão. Era uma procissão bem linda! Saía da igreja, ia pela rua de baixo até ao cemitério e depois voltava outra vez pelo mesmo percurso. Nós, as mulheres, tínhamos que enfeitar os andores. Fazíamos flores de papel e depois púnhamos nos andores, em toda a volta. E os homens, depois, levavam os andores na procissão.

Quando eu me criei, também faziam três dias a romaria das ladainhas. Faziam uma vez na igreja, outra vez na Capela de São Pedro e outra vez íamos em procissão a Chãs d'Égua. Era o senhor padre e a gente também a rezar e cantar.

O Natal, antigamente, era como os outros dias. No largo faziam uma fogueira. Faziam o comer e depois a rapaziada juntava-se e comiam por lá. Mas em minha casa o Natal foi sempre o Natal de todos os dias. Não havia cá festas como agora fazem. Era como havia de ser todos os dias e não só no dia de Natal. Depois, em Janeiro, éramos nós, os miúdos, que andávamos aí por a rua com um saquito na mão a pedir:

- "Dê-nos as Janeiras, dê-nos as Janeiras!"

Conforme se podia, dávamos alguma coisita. Outros não davam nada.

Pela Páscoa vinha o senhor padre dar as boas festas. A gente punha o foliar na mesa, mas não havia mais nada. Quem tinha afilhados dava-lhe o foliar. Mas eu nunca tive foliar, porque os meus padrinhos eram meus irmãos e não mo davam. Mais tarde, quando é o dia 3 de Maio, que é dia de Santa Cruz, a gente põe as cruzes nas portas com o loiro bento de Domingo de Ramos. Dizem que quando está aquela cruz com o louro bento que não caiem as trovoadas e não há tantos prejuízos. Eu costumava fazer isso e ainda tenho uma cruz na minha porta. Se resulta, Deus é que sabe.

Doces da aldeia

Quando era nas festas, fazia-se arroz-doce, tigelada, filhoses e pão-de-ló. Ainda há muito quem faça. Eu é que não faço, porque agora não posso comer essas coisas. Mas fazia muitas filhoses e muitos bolos no forno. Não só para mim mas, às vezes, para as pessoas que me vinham pedir:

- "Olha, faz-me lá 1 quilo de bolos no teu fogão!"

Tinha alturas de fazer 15, 16 e 17 quilos de bolos num fogão que já foi de mala aviada para o lixo. Para os bolos que fazia no fogão - a gente dizia que era os bolos de forno - punha-se, para 1 quilo de farinha, 8 ovos, 4 colheres de azeite, o leite que fosse preciso e um bocadinho de fermento em pó. A gente ia amassando. Amassava-se bem amassadinhas e depois havia umas latas próprias para se pôr a massa com uma colher. Então, punha-se no forno para se cozerem. Também fazia tigelada. Essa batia-se também num alguidarzinho. Punha-se os ovos e batia-se bem nos ovos primeiro. Depois punha-se o leite e o açúcar. Mexia-se tudo bem mexidinho e depois ia para os tachinhos para o forno. No meu tempo, eu nunca tive batedeira, mas havia as mãos! Depressa se amassava e depressa se faziam. Agora até tenho uma batedeira, mas nunca me servi dela.

Matança do Porco

No dia da matança do porco vinham dois ou três homens, conforme era preciso. Iam à loja, agarravam no porco e punham-no em cima de um banco - uns bancos compridos que havia próprios para isso - com uma corda. Depois vinha o sangrador que lhe espetava a faca. Então, havia uma senhora que ia com uma gamela aparar o sangue, para se aproveitar. Cozia-se logo num caldeiro ou numa caldeira um bocado de sangue para se comer. O resto que não se cozia, era para fazer enchido de sangue. E era bem bom! Quando os homens abriam o porco, aparavam as chouriças. Depois as mulheres faziam a parte delas. Estremavam as chouriças numa gamela e iam lavá-las à ribeira. Lavavam-se mais que uma vez, que duas e que três. E depois é que se preparavam para se encherem, para se fazerem o enchido.

A carne do porco tinha que durar para o ano todo! Salgava-se na salmoira - uns diziam que era salmoira outros diziam que era salgadeira - e o enchido era seco. Em estando seco, também se punha numas panelinhas com azeite. E ali também se aguentava para a gente ir comendo. Ia-se tirando conforme era preciso. Tinha que se orientar para todo o ano. Que remédio! E guardava-se sempre um bocadinho de carne, um chouriço ou uma chouriça boa para se comer no dia que se matava o porco para o outro ano. Conforme as pessoas, havia quem matasse dois. Mas agora já ninguém tem porco na terra.

Sonhos "*Um pãozinho para cada dia*"

Nunca tive sonhos de fortunas nem de nada. Um pãozinho para cada dia é o que eu peço a Deus Nosso Senhor! Que me dê um pãozinho para cada dia, para toda a minha família, para toda a gente e para todo o mundo! Não peço só para mim. Peço para todo o mundo, porque toda a gente precisa de comer. Peço também que Nosso Senhor me vá dando força, que eu me vá podendo levantar da minha cama por mim. E, não podendo levantar da minha cama por mim, que Nosso Senhor me leve para o céu!



Laurinda da Silva (1980)

Avaliação *"Sempre para melhor"*

Acho bem estes estudos. Assim, os mais novos já sabem o que se passou no Piódão. Mas os mais novos, mesmo os da aldeia não ligam a isto. Se a gente lhes for a dizer: "Olha, passei isto, ou isto, ou aquilo...", eles não acreditam. Dizem que é mentira. Às vezes, para os meus sobrinhos e até para outras pessoas que vêm, que procuram, eu digo-lhes: "Olhe, passou-se isto assim assim...". Só que há pessoas que não acreditam. Mas cada qual tem que governar a sua vida. Que governem para melhor que foi a minha e a de muitas pessoas da terra. Deus queira que os jovens vão para melhor que a gente foi. Que a vida de agora vá sempre para melhor, que não seja como foi a nossa.